

APRESENTAÇÃO

O presente volume da revista *Itinerários* é dedicado às literaturas de língua inglesa, sendo que o total dos artigos selecionados perfaz um movimento que talvez mereça a atenção crítica do leitor e do especialista da área, uma vez que a ênfase foi dada à literatura-matriz, a inglesa (8 artigos), e em seguida à norte-americana (3 artigos), não havendo nenhuma atenção a outras literaturas pós-coloniais de expressão inglesa. Tal resultado assim se apresenta porque decidiram-no os pareceristas e os editores do presente número de *Itinerários*? Não, absolutamente! Dos 46 artigos recebidos para seleção, todos privilegiavam as duas literaturas frisadas, e não as de outras ex-colônias britânicas.

Seja como for, cabe a nós apresentar o volume em sua realidade material: dos 46 artigos recebidos, foram selecionados 11 para publicação, sendo 8 versando sobre a literatura inglesa (4 sobre aspectos contemporâneos) e 3 sobre a norte-americana (2 sobre o contemporâneo). Dada a ênfase na literatura narrativa hodierna, nada mais natural que abrissemos este volume com os ensaios temáticos acerca da literatura contemporânea, mesclando a inglesa e a norte-americana: este primeiro bloco ressalta, de modo inequívoco, as relações intertextuais e paródicas em relação ao passado, ao cânone, ao estabelecido, desconstruindo criticamente mitos e temas caros à tradição literária de língua inglesa. O segundo bloco compreende 5 artigos, os quais cobrem um período extenso e variado, que vai do século XIX ao XVI, que preferimos inverter para garantir certa unidade diacrônica ao leitor. Diacronia que, pelo afirmado acima acerca do intertexto, da paródia e da desconstrução, termina por iluminar alguns importantes aspectos sincrônicos de leitura e apreciação crítica.

A seleção deste número se completa com um 12º artigo, publicado em *Varia*, sobre poesia francesa, e com as 5 resenhas que abordam e apresentam diferentes aspectos da literatura e da teoria e da crítica da literatura mais atual. Isto posto, passamos à apresentação sumária dos textos selecionados. O primeiro artigo, de Maria das Graças Gomes Villa da Silva, “Inventando a tradição: *England My England*, de D. H. Lawrence, e *England, England*, de Julian Barnes”, elege o viés comparativo para refletir sobre a noção de “inglesidade” tal qual se inscreve ideologicamente nas obras *England, my England*, de D. H. Lawrence, e *England, England*, de Julian Barnes.

O segundo artigo, de Maria Cristina Martins, “‘Remendo novo em pano velho’: a mesma história, outra história, em releituras de contos de fadas de Angela Carter, A. S. Byatt e Margaret Atwood”, objetiva discutir, em palavras da autora, “o impacto do emprego de táticas narrativas revisionistas em releituras de contos de

fadas” operadas por algumas autoras inglesas contemporâneas: Angela Carter, A. S. Byatt e Margaret Atwood.

O terceiro trabalho, de Gisèle Manganelli Fernandes e Márcia Corrêa de Oliveira Mariano, estuda “o terror em três versões”, tal qual se apresenta explorado na obra do escritor norte-americano Don DeLillo, *Players* (1977), *Mao II* (1991) e *Falling man* (2007).

O próximo trabalho, de Aparecido Donizete Rossi, intitulado “O tempo d’*O despertar*”, romance de Kate Chopin (1851-1904) publicado em 1899, está entre os contemporâneos devido à abordagem proposta pelo estudioso, que parte “do pressuposto teórico de que o texto de autoria feminina, enquanto palimpsesto, apresenta significados subtextuais que, em permanente interação com o plano do texto, desarticulam os pressupostos opostos e hierárquicos do universo patriarcal”.

Os dois ensaios seguintes voltam-se para a literatura inglesa, apresentando dois casos especiais: o primeiro é o de Kazuo Ishiguro, de ascendência japonesa mas nascido na Inglaterra e escritor inglês, apresentado e analisado por Fernanda Aquino Sylvestre a partir do romance *Não me abandone jamais* (2005). O segundo é o do Salman Rushdie, indiano radicado na Inglaterra, cujo romance *Shalimar the clown* (2005), em suas relações com a obra de John Milton (*Paradise lost*), é analisado por Luiz Fernando Ferreira Sá, sob a perspectiva de Jacques Derrida, no ensaio “*Shalimar, the ex-centric: Rushdie reads Milton through Derrida*”.

O sétimo estudo volta-se para a obra de Edgar Allan Poe, cujo conto “*The mystery of Marie Rogêt*” é estudado por Fabiana de Lacerda Vilaço em busca das relações literatura e sociedade nos Estados Unidos do século XIX, “procurando evidenciar as contradições históricas sedimentadas” na forma dessa narrativa breve do criador do conto policial.

O oitavo artigo, escrito a quatro mãos por Sandra Maggio e Valter Henrique Fritsch, “*Serving two masters, or The dialectics of romantic Victorian literature*”, estuda a literatura vitoriana inglesa, elegendo para tanto o romance *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë.

O nono ensaio, “Os espaços do leitor ficcionalizado: nas teias dialógicas de Henry Fielding e Laurence Sterne”, de Marisa Martins Gama-Khalil, escolhe dois escritores seminais do nascente romance moderno inglês do século XVIII (Fielding viveu entre 1707-1754 e Sterne, entre 1713-1768), para o estudo do “narratário – leitor ficcionalizado – como elemento fundamental para a arquitetura narrativa.”

Outro aspecto importante do século XVIII é abordado no artigo de Daniel Serravallo de Sá, “*The monk: um Schauerroman inglês*”, em que o autor estuda os contatos literários entre Alemanha e Inglaterra e salienta, através de *The monk* (1796), de Matthew Gregory Lewis, o importante papel de formas e temas alemães na consolidação do romance gótico inglês.

O 11º artigo, “Vozes proféticas na literatura inglesa”, de Maria Alice Ribeiro Gabriel, preocupa-se em abordar alguns modelos de linguagem profética durante a Renascença e o Barroco ingleses (séculos XVI e XVII, respectivamente), analisando-os sumariamente.

Fechado nosso périplo pelas literaturas de expressão inglesa, passamos à seção *Varia*, em que se publica o artigo “O lirismo crítico e a releitura nos ensaios de Jean-Michel Maulpoix da obra de Charles Baudelaire”, de Erica Milaneze, agora voltado para a lírica francesa: neste, a autora estuda o conceito de “lirismo crítico”, cunhado pelo contemporâneo Maulpoix, e os modos dialógicos por que ele enceta contatos com a obra do poeta moderno Charles Baudelaire, crítica e poética.

Em suma, são 5 as resenhas publicadas neste número de *Itinerários*, as quais apresentam aspectos importantes da literatura, seja em nível de criação, seja em nível crítico-teórico, conforme os títulos nos revelam: “Mulher e deusa”, de Tânia Regina Zimmermann, apresenta o estudo de Cleide Antonia Rapucci, *Mulher e deusa: a construção do feminino em Fireworks* de Angela Carter (Maringá, PR: EDUEM, 2011); a de Rodrigo Fontanari, “*Com Roland Barthes: a fidelidade de um infiel*”, comenta o último livro de Leyla Perrone-Moisés dedicado ao mestre francês, *Com Roland Barthes* (São Paulo: Martins Fontes, 2012); a de Mauri Cruz Previde sumariza a obra ficcional *Manifesto onigâmico*, de Mauro Bartolomeu (Rio de Janeiro: Torre, 2011); a de Cristina Maria Vasques, “A fecundidade das vozes que, nas estantes de livros, ainda calam sua silenciosa algazarra”, comenta detidamente leitura(s) e leitor(es) a partir do estudo de Ana Maria Machado, *Silenciosa algazarra: reflexões sobre livros e práticas de leituras* (São Paulo: Companhia das Letras, 2011); a quinta e última, “As tarefas de Eagleton”, de Patrícia Trindade Nakagome, apresenta *A tarefa do crítico*, do fecundo estudioso inglês (São Paulo: UNESP, 2010).

Enfim, agradecemos aos pareceristas cujo trabalho nos ajudou a configurar este número temático da *Itinerários*, e esperamos que o prezado leitor possa aproveitar o rico material que aqui se encontra publicado. Em que pese à ausência de estudos acerca de outras literaturas pós-coloniais de expressão inglesa, temos por certo que este volume especial da revista tornar-se-á referência imprescindível para os estudiosos da matéria.

Adalberto Luis Vicente

Antônio Donizeti Pires

Maria Célia de Moraes Leonel

